

Inflação continuará baixa

O ministro da Fazenda, Pedro Malan traçou um cenário otimista para o ano de 1997 e, com base em avaliações do mercado financeiro, falou da possibilidade de uma inflação média de 7% no próximo ano. "Se isto se confirmar, serão dois anos consecutivos de inflação média inferior a 10%, o que só aconteceu nos anos de 1951 e 1952", sustentou o ministro.

Ele descartou qualquer possibilidade de alterações na política cambial e criticou o "açodamento" daqueles que compararam a cada dia, semanalmente ou mensalmente o resultado das contas externas. "Não vou responder ao açodamento de alguns com uma maxidesvalorização, nem com o protecionismo", disse em tom firme, numa demonstração de força de que, se depender da atual equipe econômica, a política cambial fica exatamente como está, com a correção da taxa de câmbio a partir de critérios do governo e não por pressão do mercado.

As declarações do ministro, durante café da manhã com jornalistas, foram no sentido de marcar a posição da equipe, principalmente ao ponto de maior atenção: as contas externas. O efeito foi imediato: as taxas de juros e os preços do dólar nos mercados futuros caíram.

Malan não admite que o déficit comercial de US\$ 3,7 bilhões até novembro ou o de US\$ 19,3 bilhões nas contas correntes do país "sejam preocupantes". "Isto não preocupa", repetiu várias vezes lembrando que o total de investimentos externos que ingressou no país até novembro, cerca de US\$ 7,7 bilhões, já financiou 40% do déficit em contas correntes.

Para 1996 todos os índices acusam uma inflação inferior a 10%. Talvez a única exceção seja a Fipe, que deve ficar um pouco acima de 10%. Este resultado é inédito. Desde 1957 a economia não apresentava índices tão baixos.

"Não existe incompatibilidade entre inflação baixa e crescimento econômico. É possível compatibilizar, basta observar a experiência de países como o México com um crescimento de 7% do Produto Interno Bruto (PIB), a Argentina de 4,4% do PIB, o Brasil no ano passado fechou em 4,2% do PIB e este ano deve chegar a 3% do PIB e, para o ano que vem, a estimativa é de 4,5%, embora eu ache que está mais perto dos 5% do PIB. Para 98, a estimativa é de um crescimento de 4,5%. O nome do jogo é continuar criando condições para que o crescimento econômico se consolide", concluiu.